

PRECONCEITO LINGUÍSTICO E DIVERSIDADE CULTURAL – UM ESTUDO FEITO COM ALUNOS DO 7º PERÍODO DE LETRAS DO INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA

Ricardo Diego Cavalcante ANGULO
Instituto de Natureza e Cultura - Universidade Federal do Amazonas
Ligiane Pessoa dos Santos BONIFÁCIO
Instituto de Natureza e Cultura - Universidade Federal do Amazonas

Universidade Federal do Amazonas/Instituto de Natureza e Cultura – UFAM/INC
ricardodiego_16@hotmail.com
professoraligiane@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta os resultados de um estudo feito com alunos do 7º período de curso de Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas/Instituto de Natureza e Cultura sobre Preconceito Linguístico e Diversidade Cultural. No Estudo, são analisadas as possíveis causas do preconceito do indivíduo não-indígena em relação à cultura e à língua indígena com as quais esse indivíduo tem contato por meio da proximidade geográfica com comunidades de falantes das línguas Tikuna, Kokama, Marubo e Mayuruna. A discussão travada por meio dos resultados da pesquisa é de suma importância para a comunidade local, tendo em vista que a região do Alto Solimões é uma área que comporta uma variedade de línguas indígenas e este tipo de preconceito é bastante forte no cotidiano deste território. Esta pesquisa foi realizada a partir de contato dos alunos não indígenas com pessoas indígenas, por meio de solicitação da tradução de palavras em português para uma língua indígena, de modo que os alunos pudessem ter uma consciência fonológica sobre alguns fonemas dessa língua. Além disso, na oportunidade, os alunos também conversaram com os indígenas sobre a percepção/impressão deles a respeito da ausência ou presença de preconceito linguístico sofrido por eles. Como resultados, percebeu-se que há certa resistência do estudante não-indígena para a pronúncia das palavras indígenas pesquisadas, não só pelo fato de não conhecerem bem os fonemas, mas pela vergonha, pela resistência de ter que falar uma palavra indígena, como se a língua do indígena fosse “feia”, “pior”. Tal atitude corroborou com o evidenciado nas falas dos sujeitos indígenas entrevistados.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico; Diversidade Cultural; Língua Indígena.

RESUMEN: Este trabajo presenta los resultados de un estudio con estudiantes de séptimo periodo del curso de Licenciatura en Letras de la Universidad Federal de Amazonas / Instituto de la Naturaleza y Cultura sobre prejuicio de idiomas y la diversidad cultural. En el estudio, se analizan las posibles causas de los prejuicios de las personas no indígenas en relación con la cultura y la lengua indígena con la que el individuo tiene contacto a través de la proximidad geográfica de las comunidades de hablantes de lenguas Ticuna, Kokama, Marubo y Mayuruna. La discusión (travada) también a través de resultados de búsqueda que es de suma importancia para la comunidad local, a fin de que el Alto Solimões sea un área que contiene una variedad de lenguas indígenas y este tipo de prejuicio es muy fuerte en esta zona todos los días. Esta encuesta fue realizada por el contacto de los estudiantes no indígenas con los pueblos indígenas, mediante la solicitud de la traducción de las palabras en portugués para

una lengua indígena, para que los estudiantes pudiesen tener una conciencia fonológica sobre fonemas de la lengua. Además, en la oportunidad, los estudiantes también hablaron con los indios sobre la percepción / impresión de ellos acerca de la presencia o ausencia de prejuicios lingüísticos sufridos por ellos. Como resultado, se encontró que hay una cierta resistencia del estudiante a la pronunciación de las palabras buscadas, no sólo porque no saben bien los fonemas, pero la vergüenza, la resistencia de tener que hablar una palabra indígena, como si la lengua de los indios fuiste "feo", "peor". Tal actitud ha corroborado con el evidenciado en el discurso de los sujetos indígenas entrevistados.

Palabras clave: Prejuicio Lingüístico; Diversidad Cultural; Lengua Indígena.

1 INTRODUÇÃO

A diversidade linguística da qual se tem conhecimento hoje é produto de milhares de anos de desenvolvimento e de transformações sociais significativas, dentre as quais se podem citar os processos migratórios nos quais os indivíduos experimentavam contato com outros indivíduos e com outros meios. Nesse contexto, vale ressaltar que a língua e a cultura, embora se estabeleçam grandes relações entre elas, podem constituir fenômenos independentes porque qualquer indivíduo é capaz de apreender um idioma pertencente a uma outra cultura. No entanto, esses dois objetos interligam-se de tal forma que não se pode desassociá-las totalmente porque sem a língua as culturas humanas não teriam se desenvolvido, porque é a partir dela e em torno dela que se processam a comunicação, as informações e o conhecimento.

Cada grupo desenvolve seu próprio sistema linguístico com características determinadas por seus traços culturais. A diversidade linguística e cultural, ou ainda, a diversidade etnolinguística, nos dizeres de Rodrigues (2001) ocorre por conta de processos que se desenvolvem ao longo dos séculos e milênios em que os grupos humanos se dispersaram geograficamente e interagiram com outros grupos em ambientes diferentes.

Por meio da língua, os sujeitos podem estabelecer comunicação com os outros, evidenciar e defender sua cultura, expressar seus pensamentos, seus sentimentos e anseios. A língua também possibilita aos sujeitos exprimir experiências e conhecimentos e, assim, transmiti-las às gerações futuras, bem como realizar ações cooperativas que evidenciam a forma como os indivíduos se organizam a sociedade.

Diante disso, criam-se alguns conflitos entre grupos que muitas vezes convivem próximos uns dos outros e isso divide a sociedade em grupos mais e menos privilegiados. Isso gera atitudes linguísticas que muitas vezes geram preconceito. Não são todos os grupos que realizam ações cooperativas por meio da língua. O preconceito linguístico e cultural contra grupos étnicos é um problema muito comum no contexto histórico da humanidade, pois esse preconceito existiu e existe nos mais diversos momentos de nossa história.

As atitudes linguísticas podem ocasionar conflitos entre grupos sociais porque influenciará atitudes negativas como o preconceito e a exclusão e discriminação, além de poder também ocasionar a extinção de uma língua. Nesse sentido, pode-se afirmar que, na língua se projeta a cultura de um povo, compreendendo-se cultura no sentido mais amplo, ou seja, o conjunto dos padrões de comportamento, das crenças, instituições e de outros valores

espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade. Quando esses fatores não são respeitados ou subvalorizados, surge o preconceito linguístico. É sobre essas questões que este artigo trata.

2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E DIVERSIDADE CULTURAL

Muito se insiste em enfatizar a atitude linguística entre um mesmo idioma ou de um em relação ao outro porque se considera a língua um importante elemento de identificação de um grupo. A língua utilizada por um grupo revela muito sobre sua cultura, seus valores e suas crenças, vale ressaltar que a língua contribui para definir esse grupo. É um sistema linguístico que é utilizado em uma comunidade falante e que se caracteriza por ser grandemente diferenciado por possuir alto grau de nivelação, por ser veículo de importante tradição literária e, às vezes, por ter-se imposto a sistemas linguísticos da origem de um povo.

Sobre a importância da língua, Tarallo (1992, p.14) esclarece que “[...] a língua é um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade, [...]”

Por meio da língua falada por uma determinada pessoa, podem-se identificar traços de seu grupo social, de sua cultura, de sua nacionalidade e nível de escolaridade. Nesta vertente de pensamento, Rodrigues (2004) afirma que a língua é representada como um organismo vivo, dotado de uma estrutura própria que refletia mais do que qualquer outra instituição o pensamento, os valores e o espírito de uma nação.

Os indivíduos não nascem com suas identidades nacionais formadas, elas são construídas no interior das representações. Mesmo nas regiões de fronteira, o trânsito livre entre dois países e os laços comerciais, sociais, políticos e matrimoniais não destroem a lealdade linguística coletiva, determinada territorialmente. Muitos estudos sociolinguísticos têm constatado que as distintas formas de falar ocasionam o surgimento de inúmeras crenças e atitudes linguísticas em relação a um determinado idioma; é muito interessante compreender outra cultura para que se possam estabelecer vínculos, semelhanças e contrastes, comparando a sua forma de agir e de pensar com a de outros povos.

A língua é constituída de um conjunto de representações que constroem um imaginário nacional desde os estudos feitos acerca da linguagem onde buscaram resposta para entender a relação entre linguagem e sociedade, haja vista que esse elemento está extremamente ligado, pois em qualquer período o homem utilizou uma forma de comunicação, a princípio, a comunicação oral e, em seguida a escrita. Essas duas modalidades fazem parte de um sistema linguístico de uma comunidade linguística, isso faz com que o ser humano estabeleça o contato para interagir com o outro.

Pode-se observar que o principal problema da não aceitação demonstrada através das atitudes linguísticas é que a língua perpassa constantes modificações em sua trajetória, daí provoca o desconfortante preconceito que mede a capacidade do falante nato da língua materna.

Pode-se dizer que o sistema linguístico é uma estrutura que pode ser abstraída não apenas das forças históricas que lhe deram origem, mas também da matriz social em que

funciona e do processo psicológico através do qual ele é adquirido e tornado disponível para o uso no comportamento linguístico.

Como já dissemos, muitos estudos linguísticos têm constatado que as distintas formas de falar ocasionam o surgimento de inúmeras crenças e atitudes linguísticas preconceituosas em relação a um determinado idioma. É muito interessante e, o mais importante, necessário compreender outra cultura para que se possam estabelecer vínculos, perceber e respeitar semelhanças e contrastes, comparando a sua forma de agir, falar e de pensar com a de outros povos. Em algumas regiões, como é o caso do Alto Solimões, em que há o contato constante e vivo com a língua indígena, não há, nos ambientes escolares, o aprendizado simultâneo da língua portuguesa e de determinada língua indígena, não há, ainda, uma política linguística quanto ao aprendizado simultâneo da língua indígena, determinada culturalmente.

De acordo com um dos conceitos do dicionário Houaiss (2001, p.1165), “o preconceito pode ser definido como uma atitude, julgamento ou sentimentos muitas vezes sem fundamentos sensatos, ou seja, julga-se um falante de acordo com a forma geral com a qual é rotulado todo o grupo”.

O preconceito social contra grupos étnicos é um problema muito comum no contexto histórico da humanidade, pois existiram e existem em todas as civilizações, nos mais diversos momentos de nossa história. Nossa tradição não nega explicitamente a existência de uma pluralidade no âmbito educacional, ressaltando que a língua é um meio de comunicação muito importante no universo da língua portuguesa, no entanto, não “aceita” que a norma culta seja uma das muitas variedades possíveis no uso do português.

Em se tratando da língua Tikuna, o preconceito se destaca ainda mais porque esses grupos são considerados menos “civilizados” que os demais e não se cogita a necessidade de apreender o idioma porque considera-se que ele só opera dentro do próprio meio e que, portanto, não teria utilidade ou valor algum para os demais grupos étnicos.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, evidenciaremos os procedimentos adotados para a realização do estudo feito com alunos do 7º período de curso de Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas/Instituto de Natureza e Cultura sobre Preconceito Linguístico e Diversidade Cultural.

Do ponto de vista de seus objetivos, esta pesquisa se classifica como exploratória, que envolveu levantamento bibliográfico, entrevista com informantes indígenas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, a saber: o preconceito linguístico sofrido por conta da diversidade cultural na região do Alto Solimões.

Do ponto da forma de abordagem do problema esta pesquisa é qualitativa, uma vez que interpretamos os fenômenos relacionados ao preconceito linguístico sofrido por conta da diversidade cultural na região do Alto Solimões e atribuímos a ele significado.

3.1 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A professora da disciplina de Linguística solicitou que os alunos Ricardo Diego Cavalcante Angulo e Fernanda Lopes, bem como os demais alunos da turma do sétimo período de Letras, investigassem cinco palavras traduzidas da Língua Portuguesa para uma língua indígena falada nas proximidades do município de Benjamin Constant.

O conjunto de palavras foi indicado aleatoriamente para a dupla de alunos. A busca pela tradução da palavra aconteceu da seguinte forma:

- Os alunos questionaram o informante de etnia indígena Tikuna ou de outra etnia a respeito da tradução das palavras na modalidade escrita e pronúncia.
- A partir dos sons emitidos pelos informantes, cada dupla realizou (ou tentou realizar) a transcrição fonética com base no Alfabeto Fonético Internacional.

Após essa etapa, cada dupla expôs na sala de aula os dados coletados durante a pesquisa. A exposição ocorreu da seguinte maneira:

- Conforme a sequência da numeração atribuída pela professora a cada dupla, os alunos se dirigiam ao quadro-branco para escrever as palavras em Língua Portuguesa, em seguida, traduzia-se para a língua indígena (no caso da dupla em questão, a Língua para tradução foi a Tikuna). Por conseguinte, apresentava-se a transcrição fonética.
- Após a escrita da transcrição, os componentes das duplas pronunciavam os sons para que os alunos pudessem repetir. Quando havia dúvida a respeito da pronúncia, os colegas da turma que eram falantes da Língua Tikuna pronunciavam pausadamente as palavras para que todos percebessem os sons emitidos. Caso o som fosse diferente da transcrição feita pela dupla, fazia-se a correção.

Ao final, foram totalizadas 100 palavras traduzidas para a língua indígena, sendo em sua maioria, em língua Tikuna, entretanto, algumas palavras foram transcritas em outras três diferentes línguas indígenas (Kokama, Marubo e Mayuruna), transcrições obtidas através da pesquisa feita pelas 20 duplas diferentes formadas em sala.

3.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Durante e após a pesquisa feita pelas duplas, observou-se que nossa região é uma rica fonte de línguas para pesquisa. A pesquisa nos possibilitou conhecer algumas palavras, expressões, crenças que fazem parte de uma determinada comunidade indígena que até mesmo nós, cidadãos dessa região, desconhecemos.

Ao mesmo tempo em que existe uma variedade importante de línguas indígenas, há também por parte de nós mesmos um preconceito para com essas línguas. Fato que ficou evidente nas afirmações feitas pelos próprios colegas da turma. Uma questão que tem como pressupostos vários fatores que levam a essa situação, mas nos parece que o principal fator que guia a esse preconceito é a questão cultural.

Sabemos que há uma certa aversão dos não-indígenas para com os indígenas. A população de não-indígenas, trata os cidadãos indígenas como possuidores de uma cultura inferior e, conseqüentemente, que a língua falada por eles é uma língua sem perspectivas de

ampliação fora de seu ambiente cultural. Uma questão bem difícil de lidar porque envolve pessoas e valores diversos adotados por cada indivíduo, valores que são relativos e variados para cada cidadão consultado.

Diversidade linguística relaciona-se fortemente com o preconceito linguístico quando se trata de nossa região. O desenvolvimento de estudos em nosso território é fundamental e implicará nas possíveis soluções de problemáticas surgidas de acordo com cada especificidade social apresentada. É preciso tempo e dedicação para desvendar todos estes paradigmas presenciados. Não esquecendo que já existem estudiosos que se dedicam a esta temática, fazendo valer a grande importância e valor que possui uma pesquisa deste tipo de abordagem, mostrando que as línguas minoritárias de um grupo indígena têm seu valor menor em relação à língua portuguesa. Que cada língua falada por um indivíduo tem um mesmo valor, não havendo elementos ou características de inferioridade de uma língua em relação à outra. O valor cultural encontrado nessas línguas faz-se importantíssimo para obtermos respaldo e conhecimento sobre uma nova língua.

Por fim, a temática aqui trabalhada abre um leque de diferentes direcionamentos de estudos linguísticos importantes e nos leva a crer que devemos obter um conhecimento maior e mais próximo das línguas presentes em nosso meio, não desvinculando os hábitos culturais distintos de uma comunidade, sabendo que cultura de um povo e sua língua são fatores indissociáveis neste campo de estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendeu-se mediante a elaboração desse artigo, em consequência das obras consultadas e das discussões realizadas na sala de aula, que o preconceito linguístico gerado a partir de atitudes negativas tem crescido e dividido cada vez mais a sociedade porque não se costuma valorizar o outro. Além disso, possivelmente, algumas pessoas ainda “resistirão” por um bom tempo em se entregar totalmente ao avanço linguístico pelo qual têm passado as sociedades urbanas.

Nesse contexto, cabe à escola o papel de desmistificar alguns elementos relacionados esses povos e fazer com que seus alunos compreendam e aceitem a diversidade cultural que existe em sua comunidade e fazer com que seus alunos aprendam a conviver com elas.

Observou-se durante a pesquisa uma certa resistência de os alunos indígenas em pronunciar as palavras em sua própria língua e isso reflete o medo da rejeição que os persegue há muito tempo.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 37 ed. SP: Edições Loyola, 2005.

BISNOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes Linguísticas: efeitos do processo migratório**-Campinas: Pontes Editoras, RG Editores, 2007.

CALVET, Jean-Louis. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

FERNANDÉZ, Francisco. **El Español em Brasil: logros, dificultades y falsas creencias.** Revista do Ocidente, 2000.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel – a história das línguas na Amazônia.** Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. Biodiversidade e diversidade etnolingüística na Amazônia. In **Cultura e biodiversidade entre o rio e a floresta** (org. por M. S. Simões), pp. 296-278. Belém: UFPA, 2001.

(TARALLO, Fernando 1951-1992). **A pesquisa sociolingüística.** -8ed- São Paulo: Ática, 2007. 96p.